

VIDA DE ENSINO (ISSN 2175 – 6325)**TEMPORÁRIA EXISTÊNCIA E POESIA**

Maria dos Anjos Cunha Silva Borges¹
Aurélio Ferreira Borges²

Resumo: Este artigo analisa a relação entre literatura e educação, tomando como exemplo a poesia. Pretende-se entender o diálogo que a literatura estabelece com a poesia quando compreendemos que a palavra cria mundos, é ativadora. Procura-se reconhecer a poesia, em seu sentido amplo, como um fenômeno que, não se restringindo ao ambiente escolar, é construção diária e constante. O ser enquanto sujeito, atravessado por experiências e vivências, é constituído pelas relações interpessoais e pelos diálogos estabelecidos com o outro e a sociedade.

Palavras-chave: literatura; educação; diálogos.

TEMPORARY EXISTENCE AND POETRY

Abstract: This article examines the relationship between literature and education, taking the example of poetry. The aim is to understand the dialogue it establishes with the literature poetry when we realize that the word creates worlds, is arousing. It seeks to recognize the poetry in its widest sense, as a phenomenon, not restricted to the school environment; it is daily and constant construction. The self as subject, crossed by experiments and experiences, consists of interpersonal relations and the dialogue established with others and society.

Keywords: literature; education; dialogues.

¹ Licenciada em Letras, Mestranda em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora-MG (CES/JF). Av. Rio Branco, 3520-Juiz de Fora, MG-Brasil. E-mail: borgesmaria20012001@yahoo.com.br

² Licenciado em Ciências Agrícolas, Doutorando em Ciências Florestais pela Universidade Federal de Lavras, Brasil (UFLA); Bolsista da CAPES, professor do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia, Brasil (IFRO). E-mail: aferreiraborges@yahoo.com.br

Recebido em: 02/08/2010. Aprovado em: 05/09/2010.

INTRODUÇÃO

Permanecemos em gestação, e a poesia nos faz ingressar em analogia com a mãe-mundo, com a mãe-realidade. Não de vida infundável, mas de duradoura vitalidade. É uma definição poética, como não poderia deixar de ser. A poesia é formalista. O vocábulo cotidiano, ao imergir nas águas da poesia, readquire-se, revigora-se. Para deixar a palavra em forma e desenho, converte, distorce significados, robustece a sonoridade, chacoteia. E os leitores de poesia renovam-se com a expressão vocabular. A palavra desponta do império dos fichários e, na magia inspiradora, recompõe sua melodia. Se os vocabulários e dicionários resguardam a acepção coletiva dos vocábulos, a poesia trabalha com o que permanece de exclusivo e insubstituível em cada palavra. A poesia é o nosso cordão umbilical com o universo. É mediante a vitalidade da poesia que de vida nos alimentamos.

Poesia e confabulação se emparelham sossego e clamor, isolamento e achado, sede e a procura do manancial, espírito e humanidade. A poesia torna o deserto fecundo. Na poesia, a linguagem em sua maneira de amoldar à conveniência pode saltar de um arranha-céu sem expiar um arranhão, rastejar em meio à guerra, perecer e ressuscitar, estirar-se, comprimir-se sem se desfazer ou estilhaçar. É elástica, dobrável, moldável, e essas propriedades físicas idealiza com que ela recrie o planeta, sem violentá-lo, fissura de significado. Polir e explanar a palavra como empreitada caseira principal para que permaneçamos a residir este mundo com decência. Atribui-se a Clarice Lispector a frase: “Todos os dias quando acordo, vou correndo tirar a poeira da palavra amor”.

A poesia é determinadora por si, não é necessário tirar da cartola pretextos adicionais. As palavras em cadência, em sonorização, incontestáveis são palavras catedráticas. É na conjunção entre discente e poesia que se completa a informação e a imponência. Porém, quando não acontecer

essa confiança, se os educadores não confiarem no poder da palavra aperiitiva, que abre o nosso apetite para apreciar tudo, se não existir essa confiança, a poesia apodrecerá e pereceremos de fome.

Faz um minuto, há um momento em que descobrimos o óbvio. Que a vida é breve, como contam todas as histórias, em finais felizes ou menos felizes. Histórias contadas não apenas pelos romancistas, contistas, dramaturgos. Também os poetas são contadores de história. O ser humano é contador de histórias por excelência. Até dormindo, nossos sonhos são relatos e narrativas que contamos a nós mesmos. Afirmam vários místicos, criou o homem para que este lhe conte histórias. Contamos histórias, cantamos, fazemos jogos verbais para os filhos, com os amigos, entre desconhecidos. O ser do logos adia ao máximo a morte, distraíndo-a com o que sabe fazer de melhor: palavrear, refletida ou irrefletidamente.

Nós somos poetas, com maior ou menor intimidade com o logos, em nossa curta vida. É uma grande tristeza não aprender essa verdade. Os professores todos, professores são porque são poetas. Quando um professor de física pede, no exame, que o aluno descreva como é possível determinar a altura de um arranha-céu com o automatismo dos dizeres impensados, é belo imaginar (tirar a poeira da nossa imaginação) o céu sendo arranhado por um edifício. Arranhando, desafiando a gravidade, novo esforço humano de construir a torre de Babel, atingir a morada dos deuses (PERISSÉ, 2006, p. 101).

Catequização inspiradora

Ensinar não é treinar ou instruir. É servir de exemplo. Completar a aula como uma obra-prima, apresentando para a sala de aula as obras-primas que nossos diferentes instituíram. Conforme Paes (1997), o professor ideal seria o que examinasse qualquer obra-prima que estivesse apresentando a seus alunos quase como se nunca a tivesse visto antes. Com que capricho

precisou nos aperfeiçoar como leitores! Igualmente como exclusivamente as pessoas interessadas descobrem empenho em tudo, unicamente, as pessoas que procuram seu refinamento alcançam atuar como mestres inspiradores.

A vida só é admissível quando transfigurada, reinventada pela meditação, pelo sentimento, por novas compreensões, pela expressão. O catedrático que se tornou Lúcifer de fila, ou pelo antagonico, foi arrebatado pela desobediência incurável de uma sala de aula, em ambos os acontecimentos consumiu de vista sua empreitada. Uma intensa porção de arte, de literatura, de poesia, de palco para reeducar os professores, a fim de que estes possam operar como artífices e intérpretes se fazem necessários.

O planeta endinheirado, cronometrado pelos fatos, burocratizado, pasteurizado, massificado, necessita de renovação. Nada de pessimismos obscurantistas, não obstante, seja ampla a vontade de antecipar para daqui a 30 horas o fenecimento do mundo, consequência irreversível de completos males que degradam a humanidade: batalhas, monopólio econômico, crucificação, tráfico sexual, a manipulação das consciências, extremismos diversos. Isso tudo prossegue a gerar antipatia, aversão e inconstância.

Segundo Marcel (1955), uma educação massificada é uma contradição, pois as massas são um estado degradado do humano. O encontro particular na leitura é catedrático, porque também individualizadora, sustentando intensos, ao próprio momento, os nexos do sujeito com a recordação, com o linguajar prosaico, com os valores humanos, com a coexistência social, com os diagramas coletivos. Todavia a dedicação é subjetiva: decodificar um poema relê-lo, lê-lo em clamor superior, sussurá-lo, admitir que a nossa voz adquira a voz do trovador, e a dele a nossa.

A educação poética restaura, aperfeiçoando o educador; a linguagem imprevista é o campo desta renovação. Se a soubemos escutar, como aquele que ouve o imêmore açoiar do íntimo do mundo abre-se os olhos da meditação para qualquer coisa

óbvia, aquilo que se posiciona ali, à nossa fachada, no acesso. No caminho, disponível, mas não alcançamos observar a pedra.

Os poemas são de quem necessita deles. Todo leitor apanha, por um deslize de tempo, do folheto que lê, a biografia que esse mesmo livro reconquistou ao paladar de uma novidade em leitura. É uma detenção imaginária daquela história, daquele entusiasmo verbal. E oferece a essa biografia uma utilidade, uma utilização. É uma retenção ilusória em termos, pois é nesta oportunidade que o leitor se modifica, readquire a sua capacidade de homo loquens. E se consentindo saturar pelas expressões e palavras, ingressará em reciprocidade intensa com o natural. Sobrevirá com o fundamental da concepção, tornando-se, ao mesmo tempo, o trovador que sempre necessitaria ter sido.

Decodificar é trafegar e navegar no texto, seja no momento da tormenta ou nos tempos de calma. E praticar do texto de outrem inscrição própria, e transformar-se num poeta sem estilo e sem recompensa. E, interpretando filosofia, transformar-se num filósofo sem nomenclatura complexa. E transformar-se num pensador, decodificando pensamentos. E aprender a inventar símbolos, fazer inferências, arquitetar personagens, criticar, revisar. E nesse movimento oscilatório de palavras, nesse vaivém que pode acender náusea nos ânimos mais mortíferos, dirigir-se a púberes terras, terreno de onde surgimos e para a qual regressaremos, e neste regressar permanecerão manifestos os resultados amadurecedores da procura.

A educação poética é o momento para que todos redescubram o que já considerava e deslembrou o que soube na meninice, ou em diferentes períodos memoráveis: uma vez que desejou pela primeira vez de modo absoluto, quando conheceu uma aposição que só poderia ser chamada de milagre, quando aproximou com o corpo a alegria de existir, quando experimentou a aparência do intangível, quando sonhou acordado e o sonho o despertou para ideias originais.

O sentido do termo poesia para Heidegger (2002) quando se refere à educação, põe em evidência que: habitamos

aquilo que construímos. Este é o mesmo envolvimento que tem o artista quando habita aquilo que constrói, através de sua imaginação. Para Heidegger o sentido de fantasia, habitar e produzir, podem ser lidos neste poema de Holderlin (2002, p. 03):

Deve um homem, no esforço mais sincero que é a vida, levantar os olhos e dizer: assim quero ser também? Sim. Enquanto perdurar junto ao coração a amizade, pura, o homem pode medir-se sem infelicidade com o divino. É seu desconhecido? Ele aparece como o céu? Acredito mais que seja assim. É a medida dos homens. Cheio de méritos, mas poeticamente o homem habita esta terra. Mais puro, porém, do que a sombra da noite com as estrelas, se assim posso dizer, é o homem, esse que se chama imagem do divino. Existe sobre a terra uma medida? Não há nenhuma.

O encargo da educação é a de reacoplar os conhecimentos. Na empreitada de ensinar, ao oposto do juízo da avaliação como ação de um observador expatriado na natureza, cauteloso à objetividade das informações, incluiríamos na religação um reencanto da natureza, um sujeito deficiente ao ato de se adequar por não poder se desvencilhar, por natureza, da natureza a qual está geneticamente unido. A instrução nas escolas facultaria arriscar determinar a convergência entre o sujeito e a qualidade natural, entre as ciências naturais e as ciências das humanidades para se atingir a uma tomada de consciência da sociedade do destino próprio da era planetária, onde todos os sujeitos são checados com os mesmos problemas fatais e vitais. Como nesta obra de

Morin (2004, apud ARAÚJO, 2009, p. 5) “A Cabeça Bem Feita”:

A poesia, que faz parte da literatura e, ao mesmo tempo, é mais que a literatura, leva-nos à dimensão poética da existência humana. Revela que habitamos a Terra, não só prosaicamente, sujeitos à utilidade e à funcionalidade, mas também poeticamente, destinados ao deslumbramento, ao amor, ao êxtase. Pelo poder da linguagem, a poesia nos põe em comunicação com o mistério, que está além do dizível.

Perissé (2006) pergunta: que nos ensina a literatura, afinal de contas? Será a literatura uma espécie de xadrez? Alguém já disse que a prática deste jogo é ótima para que a pessoa jogue, constantemente, e cada vez melhor! Será assim com a literatura? A principal vantagem para o leitor será tomar-se apenas um amante da literatura, além de aprender a falar e escrever com um pouco mais de felicidade?

“Sou um dos 999.999 poetas do país”, de Affonso Romano de Sant’Anna, deu a Perissé outra resposta. Nesse poema, escrito na década de 1970, o poeta mineiro busca se encontrar como indivíduo do logos, instituidor de mundos. Inicialmente, leitor-aluno de Manuel Bandeira, Carlos Drummond, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Pablo Neruda, Petrarca, Ronsard, Villon, sai aprendendo a duros infortúnios como proferir história e texto, escrita e sangue, ambiente da folha em branco com o tempo da palavra. E se revolve professor universitário na área de Letras, revendo e existindo da obra de outrem, para finalmente aprender a resistir com sua própria obra, aprender...

que na poesia o nada se perde
o nada se cria
e o nada se transforma.¹

Natureza e indivíduo mais sentimentais

A poesia como descobrimento do inconfundível é óbvio, que permanece a um palmo da nossa narina, ou na nossa cômoda epiderme. Charme e encanto como

aprendizado. Poesia não como grandeza verbal, pedantismo ou exibicionismo. Poesia como etnologia da pele, como história da pele. Sem superficialidade determinada. Conforme Valéry (1943) o que existe de mais intenso no homem é a pele.

¹SANTANNA, Affonso Romano de. Poesia reunida: 1965-1999. p. 147.

Terrosos significamos, e ao mesmo tempo nos conhecemos extraterrestres, sempre insatisfeitos, sempre em procura, sempre em confabulação com a Palavra que nos instituiu. Os pés no chão, os pés de barro, e o corpo em busca verticalizante, observadores inquietos do céu, poetas que ouvem estrelas e, além de observadores e ouvintes do céu, Ícaro inquieto, sempre em diálogo com o logos das coisas, perguntando-lhes quem somos e de onde viemos, para onde vamos. Na pele das palavras, tocamos

no que há de mais profundo, nossa condição de seres terrosos, nós que nascemos da terra, gênero humano, húmus, e à terra regressaremos, insurreccionados ou pacíficos.

Quem saboreia aprende. E quem interroga consegue alguma réplica Quem explora acha. Quem não inquire quer errar, quer ser errante, sem direção. Quem pergunta, poderá errar, vai errar, mas no erro encontrará o norte. Como neste poema de Geir Campos, “Tarefa”:

Morder o fruto amargo e não cuspir
 Mas avisar aos outros quanto é amargo,
 Cumprir o trato injusto e não falhar
 mas avisar aos outros quanto é injusto
 sofrer o esquema falso e não ceder
 mas avisar aos outros quanto é falso;
 dizer também que são coisas mutáveis...
 E quando em muitos a noção pulsar
 - do amargo e injusto e falso por mudar-
 Então confiar à gente exausta o plano
 De um mundo novo e muito mais humano
 (PERISSÉ, 2006, p. 111).

Existe uma superfície mais sentimental para nós. Mas esse plano supõe trafegarmos em duas direções. Para o natural e para a consciência. Para a exterioridade e para dentro de nós. O fato é que não estamos em comunicação imediata com as coisas nem conosco próprios. Bergson (2001) ponderava sobre a existência de uma treva, treva espessa para o corriqueiro dos homens, véu vaporoso, quase cristalino, para o artista e o trovador.

A educação poética faz do homem prosaico um poeta excepcional. Enfraquece esse véu. Não obstante, o véu não pode ser rasgado ou extinguido, sob o infortúnio de nos liquefazermos com a natureza e adentrarmos em deslumbramento sucessivo com tudo. A cristalinidade incondicional procederá na nossa desumanização, como animais ou como anjos. Animais integradíssimos à natureza, sem as circunscrições que nos determinam ou seres angélicos, para os quais conceitos, entendimentos, expressões, representações seriam dispensáveis.

A poesia é aparição para nosso ofuscamento. De qualquer modo ao mesmo tempo o homem trivial, na medida em que se regresse poeta, em que seus talentos seminais sejam aumentados, monopoliza a vidraça, e volta para descrever o que assistiu, mesmo sem ter enxergado coisa alguma.

Na livrosfera, é admissível libertarmos da usualidade e da repetição. Até o repetitório é dissipado e convertido por um repertório de chaves interpretativas, de caminhos argumentativos, de conceitos iluminadores. A educação estética, poética, pode induzir uma pessoa a coeficientes melhores de autoconhecimento, de expressividade verbal, e de conhecimento do que pensam e praticam as outras pessoas. Não ponderará mal da usualidade quem souber desconstruir a rotina com o olhar habilitado pela leitura.

O pensamento também frutifica dentro da livrosfera. A imaginação cresce como árvore frondosa na livrosfera, gerando frutos saborosos, e às vezes proibidos. A

intuição, atividade que supõe uma inteligência atenta e livre, floresce na livrosfera. A memória ganha corpo e conteúdo. A sensibilidade ética se desenvolve e amadurece no interior da livrosfera.

A imaginação tem o poder. É condição necessária para o conhecimento caminhar no meio da selva de palavras e conceitos. E nesse caminho estabelecer novos encontros com o real. Mergulhamos nas imagens, e nelas nossa função cognitiva ganha novos horizontes. Na filosofia da imaginação Bachelard (1943), a razão imaginadora, abolindo o falso dilema entre conhecimento experimental e saber especulativo, torna a ação de imaginar um avanço, pois imaginar é elevar de um tom o real. Para as mentalidades menos imaginativas, essa relação entre razão e imaginação parece inimaginável. No entanto, satisfaz tentar conceber um mundo sem meditação para experimentar o quanto a imaginação é parte complementar da nossa atividade intelectual.

A imaginação compartilha da criação de novos sentidos para antigos significados e em certa medida compõe uma das melhores suscitações para o pretexto e a razão. A imaginação, delicada e intensamente, dirige a nossa ponderação e é pela reflexão solicitada. A imaginação atua em nossa compreensão do mundo.

A abstração requer imagens, e graças a essas imagens podemos continuar a abstrair. Uma imagem sintetiza quase que espontaneamente um fluxo de idéias, e nos dá condições de tomar fôlego e prosseguir nesse fluxo. As imagens arquitetam pontes entre realidade e apreendido, entre concentrações e ideais, entre atilamentos e palavras, entre palavras e fatos.

A favorável imagem das pontes torna mais aparente e inteligível. Imaginação insignificância tem a ver com alucinações, porém desvela os arredores, as cores, os contornos do saber que sabe a realidade.

Cioran escreve:

Como se pode ser filósofo? Como se pode ter a ousadia de abordar o tempo, a beleza, Deus e todo o resto? O espírito fica inchado e saltita sem vergonha. Metafísica, poesia-impertinência de

piolho...(CIORAN, 1991, apud PERISSÉ, 2006, p. 116).

Como poderá o espírito inchar-se, e inchado saltitar, e saltitar sem vergonhar? Saltitar como um piolho? O leitor não pode deixar de imaginar o espírito inchado, mesmo que tal imagem seja impossível, pois espíritos não incham como os corpos. Permanecemos com uma pulga detrás da orelha...

O espírito se completa imagem e a imagem torna o espírito presunçoso mais acessível para nosso conveniente espírito. Sua ausência de vergonha nos envergonha. Como olsa o piolho esperar conseguir os cabelos luminosos da lua?

E o pensador zomba de si próprio, e dos distantes pensadores, e dos próprios poetas, causadores de representações! Zomba do leitor, e o leitor necessitará aprender a rir de si mesmo. O leitor aprecia para o piolho em que o poeta se transformou, em que o metafísico se metamorfoseou. O silogismo é cítrico, a imagem é hostil, o texto é conflitante em sua ironia, e incisivo em sua irreverência.

E daí o prazer da leitura desembaraçada, inventiva. As representações mentais são mentiras que desvendam verdades. Decifrando, adestramos nossa imaginação. A imaginação é instintiva, mas também pode estar sujeita à nossa vontade. Ambiciona-se imaginar, e invento. Imaginando, me expresso, impressiono-me. As imagens clarificam o pensamento, a meditação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Valmir Henrique de. Medida e poesia na constituição de uma educação científica. **Revista Metáfora Educacional**. p. 2-15 Versão on-line, n.6, jun./2009. Disponível em: <http://www.valdeci.bio.br/php>. Acesso em: 24 de julho de 2010.

BACHELARD, Gaston. **L'air et les songes**. Paris: Librairie José Corti. (1943).

BERGSON, Henri. **O riso**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CIORAN, Emil. **Silogismos da amargura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: Emmanuel Carneiro Leão. **Ensaios e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MARCEL, Gabriel. **Los hombres contra lo humano**. Buenos Aires: Librería Hachette, 1955.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 10.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
PAES, José Paulo. **Os perigos da poesia e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

PERISSÉ, Gabriel. **Literatura e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SANTANNA, Affonso Romano de. **Poesia reunida: 1965-1999**. Porto Alegre: L&PM, v. 1, 2004.

VALÉRY, Paul. **L'idée fixe**. Paris: Gallimard, 1943.